



Gaiato

19 DE AGOSTO DE 1972
ANO XXIX — N.º 742 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



A primeira pedra para as oficinas da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Batemos palmas e fizemos um acto de fé. Tudo muito simples, tudo muito familiar e cristão.

TRIBUNA de Coimbra

FOI há dezoito anos. Aproveitámos a passagem de Pai América e lançámos a primeira pedra para as oficinas. Recordo-me do conselho de Pai América: «Faz uma coisa pequenina, pois esta casa nunca poderá ter oficinas grandes».

Nasceram pequeninas e, embora já ampliadas, não satisfazem e agora são precisas para outro fim.

Temos sonhado. Temos de andar sempre a sonhar. No domingo, depois de nos reunirmos à volta do Altar, juntámo-nos à beira dos caboucos abertos para o novo edifício. Os rapazes tinham ali colocado uma pedra. Pedimos a bênção de Deus, gravei na pedra uma coroa, aspergi-a com água benta e dois rapazes colocaram-na num canto dos caboucos. Batemos palmas e fizemos um acto de fé. Tudo muito simples, tudo muito familiar e cristão.

Vai ser mais uma empresa difícil. Será uma superfície de 940 metros. O orçamento para a cobertura é de 231 contos. Têm ido carradas e carradas de pedra para os alicerces.

Aos olhos do mundo todas as nossas empresas são arriscadas. Lançamo-nos a tudo sem dinheiro. Acreditamos nos valores humanos. Não olhamos o homem sob ponto de vista económico. A construção do homem não se pode medir pelo rendimento económico. O homem tem outro valor. As nossas oficinas são para construir homens.

Nesse mesmo dia estive de visita um professor universitário muito nosso amigo. Mostrámo-lhe a pedra lançada ao fundo naquela manhã. Viu a extensão dos alicerces e as covas donde nascerão 24 pilares de cimento que hão-de receber a cobertura. Perguntou porque não tínhamos convidado as autoridades que depois nos poderiam ajudar. Respondi-lhe que tínhamos convidado o Grande Amigo. Aquele que nunca falta e que não faz política. Os outros hão-de ser trazidos por Ele. A nossa grande preocupação é fazer tudo em Nome do Senhor e com os olhos nos irmãos. Assim não há empresas arriscadas e sabemos que não nos enganamos.

Padre Horácio

Lourenço Marques

Ao domingo, vou a uma escola do mato a uma dúzia de quilómetros da nossa Casa. Por pequenina, só em dia de chuva ou vento forte acolhe toda a assembleia. Normalmente todos nos reunimos à sombra de uma mangueira e uma mafurreira, as árvores domésticas da habitação rural arcaica. É ali, à sombra destas e outras, que trezentas e tal crianças aprendem a língua nacional.

Com a abertura da nossa Escola algumas vieram frequentar a quarta classe e fizeram razoavelmente o seu exame. Este ano porém, as que deveriam vir não podem. Antes da Missa um dos pais dirige-se-me em nome de todos. Querem um professor que ensine a quarta classe. Os seus filhos não podem deslocar-se à nossa Escola porque a passagem de autocarro vai quase a oitenta escudos por mês.

Pus o problema a alguém responsável e a resposta foi

Cont. na SEGUNDA página

Aqui Lisboa

Por PADRE LUIZ

O exemplo vem-nos da América Latina e já aqui temos referido iniciativas congéneres, inclusivamente na Europa, em que as Conferências Episcopais ou Ordens ou Congregações se propõem alienar bens não estritamente necessários em favor dos mais carecidos ou em ordem à promoção humana das populações. A Igreja do México, por exemplo, apesar de espoliada na altura da tremenda perseguição religiosa de Calles, decidiu vender os bens eclesiais supérfluos, inclusivé os ex-votos, metais preciosos, obras de arte e joias pertencentes a Santuários ou Irmandades, utilizando-os na edificação de habitações económicas e no auxílio à pobreza. O mesmo se poderá dizer da Igreja do Panamá, proporcionalmente mais abastada, e das outras Repúblicas latino-americanas.

Disse-nos Pai América: «Não vá a gente pretender pregar o Evangelho aos que não têm casa nem pão. Cautela...». Ora, se é certo que aquilo que se diz e apregoa muitas vezes não corresponde ao real, também não é menos verdade que há bens supérfluos ou desnecessários na Igreja em Portugal e que muitos dos seus órgãos bem fariam dar o exemplo de desprendimento, transferindo para a construção de casas

ou de outras iniciativas de promoção humana básica alguns dos seus bens. Por outro lado, não podemos esquecer que não basta pregar a pobreza evangélica se, de facto, as aparências forem de ostentação, a começar pelos mais altos níveis, com palácios sumptuosos, residências e carros de luxo gritante e outros sintomas contraditórios. Ninguém acreditará, nos nossos dias, na Igreja, se porventura não der sinais de renúncia e de desinstalação. Os seus sacerdotes e religiosos pouco farão de válido ou de crível, se não procurarem sempre e mais viver em autenticidade, num desprendimento total e coerente. Repetimos a ideia de que não basta ser pobre; é preciso parecê-lo no concreto da vida. E ser pobre não é renunciar aos requintes da ciência ou da técnica, nem tão pouco viver na miséria, o que seria limitativo pela ausência de liberdade que é própria dos miseráveis. Estamos convencidos de que uma administração adequada, não sonogada aos cristãos em geral, e uma mentalidade conveniente, supririam em bençãos de Deus os sacrifícios porventura feitos.

É sabido que em todas as épocas houve a tentação de instalação, tanto das sociedades

Continua na SEGUNDA página

A reedição do 2.º volume do «Isto é a Casa do Gaiato»

«Que todos se alegrem com a solene retumbância do nosso livro...»

A Câmara Municipal de A. não esteve com meias medidas e manda um ofício a pedir trinta deles para as Escolas Primárias daquela terra. Trinta livros; livrinhos de «Isto é a Casa do Gaiato» que vão ser lidos e relidos nas Escolas Primárias. E mais Escolas Primárias de outras Câmaras? E as Secundárias de todo o País? É uma leitura juvenil para as juventudes. São episódios familiares que não perdem nada da sua actualidade. É o Perene. A presença deste livro nas Escolas e nas Famílias e até nas montanhas dos lívros, seria ótima ocasião de mostrar ao mundo que sabe ler, onde está e porque é a chamada «crise do livro»...

PAI AMÉRICO

Há dias, frente ao vídeo da TV, olhei embevecido o cuidado do maior Município do País na cedência de bibliotecas a estabelecimentos de Ensino. Ergui-me do mocho, como um trovão, para reler Pai Américo...

O pedido formulado acima, no rico trecho antológico — permanece. A sua opinião, idem. Aqui o reformulamos, direitinhos à Câmara Municipal de Lisboa; à do Porto; às Câmaras e departamentos oficiais e estabelecimentos de Ensino de todo o País. Se os responsáveis não lerem, outros o façam — e passem recado. Assim, faríamos chegar o «Isto é a Casa do Gaiato», 1.º e 2.º volumes, às mãos de muita gente moça.

● CORREIO DOS LEITORES

É verdade que os jovens perceberam, desde sempre, a procição da nossa Editorial. Ainda agora passa pela minha frente uma simpatiquíssima carta de Luanda. Eis um retalho:

«Cara amiga Casa do Gaiato: Como vai isso por aí? Bem, não é verdade? Eu vou bem graças a Deus.

Cá recebi os dois livros que vocês me mandaram...

Gosto muito dos vossos livros. Em Angola também há uma Casa do Gaiato próximo da cidade de Malanje. Para as próximas férias, se eu as for passar à Metrópole, a pri-

meira coisa que peço a meus pais é para irmos visitar a Casa do Gaiato. Está bem? O Padre que está a tomar conta da Casa do Gaiato em Malanje chama-se Padre Telmo. Ele deu-me uma foto de Pai Américo e dois livros...

Passai para o 2.º ano com boas notas...

Cumprimentos do vosso amigo

Rui.»

Meu caro Rui: Toma lá um xi do coração pela tua amizade.

Luanda está na mó de cima! Curvemo-nos à passagem desta Mãe:

«Bons amigos:

Meus filhos seguem, ainda esta semana, de férias para a Metrópole.

Não são umas «bem merecidas» férias, porque durante o ano não cumpriram os seus deveres escolares como seria de desejar.

Estão já uns homenzinhos (14 e 11 anos) mas sinto que necessitam de ensinamentos que lhes mostrem que a vida é algo mais que o dia a dia de meninos a quem nada falta.

Lembrei-me das grandes obras de Pai Américo e venho pedir o favor de lhes enviarem o 1.º e 2.º volumes do «Isto é a Casa do Gaiato», a que eu chamaria, como bem disse um dos leitores, «Os Lusíadas do Reino dos Pobres».

Atrevo-me ainda a pedir que, em cada volume, ponham em meu nome, uma dedicatória daquelas que ficam para sempre no coração dos jovens, como ficaram em mim as palavras do Pai Américo, quando ainda nos bancos do Liceu comecei a ler «O Gaiato».

Agradecida por tudo quanto dessa grande Obra tenho recebido, vai para vós todo o meu carinho e amizade...»

Oh carta!

Ficamos por aqui. Exuberantes. Não vem dia ao mundo sem aviarmos pedidos de «Isto é a Casa do Gaiato» e outras obras de Pai Américo! Os senhores — e as senhoras, evidentemente — não arrequeçam. E os jovens, idem. Continuem como até aqui. Estamos com o «Viagens» no prelo...

Júlio Mendes



De vez em quando é preciso aparecer nas colunas do «Famoso», para que a fogueira, que, há tantos anos, os nossos leitores mais interessados têm acesa, não se extinga. Por isso aqui me têm a agradecer todo o bem que de qualquer maneira nos proporcionaram; e pedir aos novos leitores, também um pouco do seu amor e compreensão para esta obra.

As nossas tecedeiras dos chales, há muito que estão em férias forçadas!... Quero dizer: sem trabalho.

As tecedeiras dos teares — que produzem tão lindos trabalhos para embelezar vossas casas — estão em vias de ficar inactivas!

Temos duas colchas de cama de casal: uma em lã beije e algodão, por 600\$ e outra em juta e algodão, por 500\$. Outra para cama de solteiro, em algodão e gaze, por 220\$. Almofadas em lã, jogos de sala de jantar em juta e ouro, e muitos outros trabalhos, que vamos executando para a época do inverno. Quem tiver de nos fazer encomendas, que as faça

com antecedência — para bem de todos.

Para Besteiros seguiu um chale. Foz do Douro cinco colchas, para cama de solteiro. Uma colcha de casal, para Vila Nova de Cerveira. Outra, para Coimbra, junto com uma manta de viagem. Mais uma para Vila Nova de Gaia. Lisboa, outra colcha de casal: «Gostei muito dela, pois não conhecia os vossos trabalhos! Mostrá-la-ei às minhas amigas, para que elas vos ajudem também». Oliveira de Azemeis, uma colcha de gaze. Espinho, uma capa, dois pares de soquetes, e uma colcha de lã feita à mão. Lisboa, duas camisolas. Porto, três chales. Gondomar, quatro panos trabalhados com ouro para sala de jantar. Com o mesmo fim, foram seis para o Porto.

No momento em que alinhava esta crónica bate à porta uma nossa tecedeira com 84 anos, que mora numa casa do Património dos Pobres, a pedir para lhe substituir a porta da casa que apodreceu. Espero a vossa ajuda, para satisfazer este pedido tão legítimo.

A correspondência deve ser dirigida a Casa de Jesus Misericordioso — ORDINS — LAGARES (Douro).

Maria Augusta

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E

MOÇAMBIQUE

Cont. da PRIMEIRA página

que não adianta fazerem a 4.ª classe se depois não têm continuidade nem de trabalho nem de instrução. É um facto. Eu próprio tenho verificado ao procurar emprego para um e outro, que para melhoria das condições de vida, nada vale a 4.ª classe.

Fundamentalmente interessa libertar da ignorância o indivíduo atrasado. Mas será libertá-lo dando-lhe possibilidades de conhecer um mundo completamente novo e diferente do seu, a que não pode ter acesso? Não será criar insatisfação e revolta e sei lá, aumentar o número de marginais que não conseguem enquadrar-se em novos padrões de vida? Estas considerações criaram em mim uma angústia. Sabemos bem quanto a economia de Moçambique se apoia em mão de obra não qualificada, em indivíduos sem instrução. Os salários mínimos, mesmo melhorados, estão longe do sofrível. Se na construção civil, um pedreiro ou carpinteiro pode ganhar de cem a cento e quarenta, um servente não passa de vinte e cinco escudos por dia. E nos meios rurais onde não há tra-

Lourenço Marques

balho remunerado? As mesmas necessidades básicas e quase o mesmo padrão de vida! Construção civil só há perto ou nas cidades e por isso eles acorrem e vão aumentando o melindroso problema do Caniço, que não é só de barracas e condições de vida insalubres e imorais; é um problema fundamentalmente humano em todas as dimensões, que hoje se vai pondo mais à luz do dia. Se nas cidades de todo o mundo civilizado o simulacro de habitações sem qualidade é uma constante, é porque o nível económico não muda. E podemos dizer que não muda por imposição da vontade dos homens a quem não interessa que mude.

Não será progresso arrasar montanhas para encher vales, levantar barragens para subir o nível das águas e melhor as distribuir? Até que ponto é justo e aceitável o alpinismo económico e social?

Padre José Maria

Agu Lisboa

Cont. da PRIMEIRA página

ou dos seus grupos, como por parte dos indivíduos. Se conseguíssemos repeli-la, ficaríamos capacitados para um trabalho mais frutuoso e eficaz. Numa época em que tudo nos fala de material, em que a maioria procura o prazer, o luxo e a ostentação, pensamos que uma Igreja pobre, real e claramente pobre, em que os seus servidores busquem uma autenticidade plena de desprendimento e de renúncia, ao serviço de todos os homens, sobretudo dos mais humildes e em dificuldade, será o caminho e a resposta mais adequada às suas necessidades.

Os tempos em que vivemos pedem a renúncia aos palácios sumptuosos, em troca de casas, mais funcionais e, porventura, até mais confortáveis; os templos ou residências a construir deveriam evitar todas as extravagâncias ou grandiosidades chocantes; tudo o que possa constituir luxo ou ser superfluo deveria ser banido, tanto no plano colectivo como no dos indivíduos; tornar-se lei a via da parcimónia, e do comedimento é uma exigência, bem como a renúncia a negócios ou a actividades que nada têm de espiritual. Pensamos que não raro se caiu na tentação do amealhar, existindo também cá Confrarias, Irmandades, ou outros órgãos da Igreja, que deveriam pôr os seus bens ao serviço dos Pobres. A História é mestra. Que ao menos aproveitássemos dos seus exemplos.

A talhe de foice, queremos aqui manifestar a nossa total

discordância com o desvio para a exploração turística ou hoteleira de muitos Consagrados, nalgumas Dioceses do País, em desleal concorrência, muitas vezes, com os leigos. Que haja casas para retiros, reuniões e até para repouso da família sacerdotal e religiosa, achamos justo. Agora, que se ocupem Sacerdotes e Religiosos, de ambos os sexos, em negócios de hospedagem e banquetes de várias índoles, não nos parece razoável — e sabemos que nos acompanha nesta maneira de encarar as coisas grande número daqueles que, por obediência, se vêem colocados em tais misteres. A existência mais ou menos velada de hotéis ou de pensões dos órgãos da Igreja deveria ser totalmente proibida pelas Autoridades Religiosas, dando-se a César o que é de César. As motivações apresentadas não colhem e as queixas que ouvimos, não raro, têm muito de justiça. Entretanto, a nosso lado, gemem sem que lhes acudamos, muitos irmãos nossos...

As palavras atrás foram escritas com a ressalva de a todos respeitar, nos seus processos ou nas suas ideias, mas na convicção profunda de serem um contributo sincero para que a Igreja-Instituição se descomprometa e possa levar a sua acção salvífica a todos os homens na sua pureza evangélica, não olvidando também aquelas Almas, humildes e abnegadas, tantas vezes desconhecidas do mundo, que dão testemunho firme e consciente de desprendimento e de renúncia.

Padre Luís



PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

COLÓNIA DE FÉRIAS — Como os ilustres veraneantes — da nossa Casa de Azurara — não escrevem, tenho de exprimir a falta à distância! Só querem dormir, comer e tomar banhos de sol?... «O que já não é pouco» — afirmam à boca cheia! Quem havia de dizer...!

Já beneficiaram dois turnos. E está prestes a começar outro.

Os que regressam vêm desanimados, por terminar as férias. Os que partem, pelo contrário, seguem radiantes, felizes. É natural...

VISITANTES — A nossa Aldeia continua muito movimentada! São inúmeras as pessoas amigas que nos visitam em dias úteis e, sobretudo, domingos.

Em 16 de Julho foi uma verdadeira enchente! Registámos a excursão motorizada de Viana do Castelo, Grupos de Bem-Fazer e a Escola de Pais, do Porto. Nestes dias os ciclerones são poucos para atender a multidão, ansiosa por conhecer a nossa Aldeia.

SEMINARISTAS — «Pai Américo tinha — e tem — muito gosto que os futuros sacerdotes passem uma parte das suas férias entre nós, para lhes abrir horizontes mais vastos» — diz o Júlio, aqui a meu lado. É verdade.

Quem dera estas pequenas férias sejam um meio eficaz para, um dia, após a sua ordenação, alguns — raros — se disporem incondicionalmente, à evangelização missionária em nossa Obra, cuja paróquia é o mundo inteiro... Estamos na Europa e na África. Poderíamos ir para as

Américas e até para o Oriente... Venham mais padres!

OBRAS — Foi aberto um poço nos «campos novos», para suprir a falta d'água — com vista à futura piscina que não há meio de acabar!

O nosso pequeno bar beneficiou, também, de uma pequena modificação; que para nós foi muito grande. Já lá temos um frigorífico! Estava a fazer falta. Durante o verão não bebíamos nada fresco...

FARMÁCIA — Como o nosso hospital foi restaurado, conforme os leitores já sabem, os medicamentos também foram reordenados, de acordo com as regras farmacêuticas. Responsáveis pela delicada empreitada: «Manteigas» e Américo Mendes.

CAES — Os nossos cães, «meninos bonitos» da Comunidade, têm quebrado, ultimamente, o sono da malta. Não está certo! Os nossos encarregados da biohara têm mais cuidado. Prendam os animais! O descanso, o nosso descanso, é muito sagrado...

FUTEBOL — Estamos de férias... Prejudicial para os nossos atletas, que vão ficando com as pernas enferrujadas, entorpecidas! Para evitar esta paragem já se decidiu recomeçar os treinos.

Repito uma vez mais: se algum grupo quiser defrontar o nosso, escreva ou telefone. Esperamos ordens.

Luís Nunes Marques («Zip»)

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Há dias topámos na Imprensa breve notícia sobre uma «mesa redonda» que nos calou fundo. Um grupo de voluntários fez pressão junto das entidades oficiais, exigindo o máximo cuidado e prudência na transferência dos abarracados para casas decentes — sem a necessária preparação.

Tanger homens como animais é crueldade que viola descaradamente os direitos do próprio homem.

Reconhecemos, com humildade, que a prática, a tarimba dos voluntários é uma grande ajuda — verdadeiramente indispensável, acentuamos — para a resolução de muitos problemas sociais.

Que interessa um plano bem gizado, se os teóricos não procuraram conhecer, rente ao chão, sem medo às pulgas, aos piolhos, ao naturalíssimo palavrão, as condições de vida do Pobre, instalado — desde o berço — na promiscuidade da barraca?

Ao longo da vida, passa-nos agora pela mão mais outro caso típico que nos faz apertar as mãos àquele grupo. Desenterrámos, há pouco, dezenas de quilos de detritos numa casa-lixeira. Claro, a obra não foi à primeira, nem à segunda ou terceira tentativas. Não poderia ser. Suámos e continuaremos a suar. A palavra, como a vassoura e a roupa lavada têm sido motivo; e não-de continuar a ser — para motivar. O renitente passou à compreensão! Como? Porque suamos d'alma aberta e coração nas mãos.

Ainda não é trabalho acabado. Nunca o será. A força dos anos tem muita força! E aqui é que «a porca torce o rabo»...

A propósito: Porque recomendou, melhor diria, exigiu Pai Américo para todas as casas do Património dos Pobres um visitador assíduo, de preferência vicentino? Não o fiscal, o detentor da lei (tantas vezes iníqua) — mas o amigo, o irmão?

Para preparar a mudança e acompanhar ao longo dos tempos. Preparar, acompanhar — recomeçar. E recomeçar. E recomeçar! Não há outro programa. Este é que é!

Júlio Mendes

SETÚBAL

Em prosseguimento do que já havíamos dito nestas colunas num artigo anterior, e tal como fora prometido, aqui estamos mais uma vez. Para vos falarmos — aos de «dentro» e, sobretudo, aos de «fora» — das maravilhas que o novo Lar e as novas oficinas — Carpintaria, Marcenaria, Serralharia, Tipografia — nos oferecem. Das maravilhas duma Obra toda ela, a 100%, feitinha de amor, num espírito de entrega total e verdadeiro. Até as pedras mais pequenas onde estes dois imponentes edifícios estão assentes nos falamos. Nos dizem que nada disto foi feito por um amor fingido. Tantos foram os que colaboraram para que tudo isto fosse uma realidade. E não há nomes, nem pedrarias, nem estátuas a assinalarem quem foram os que deram vida e o que de melhor tinham. Nada! A Obra apenas se ergueu. E apenas sabemos ser realidade! Alguns até dos que tanto se sacrificaram para a ver de pé, não chegaram a vê-la concluída. Ela começou a ser construída. «A Casa do Gaiato nasceu pequenina, como é próprio das coisas grandes» — palavras brotadas do coração de Pai Américo — praticamente sem fundos para tão grande empreendimento. E nasceu! E cresceu! E foi «Grande»! E os fundos, quando da conclusão, eram ínfimos! «Milagre»! — dirão os que mais se deixam impressionar pelas coisas que o pensamento humano mal abarca. «Presença de Cristo, Amor no meio dos homens»! — diremos nós, que desde o princípio ao fim estivemos metidos até à raiz dos cabelos, pedra a pedra, tijolo a tijolo, vivendo de sacrifício em sacrifício, sofrendo, vibrando com os problemas que dia a dia se levantaram.

Brotam-nos as lágrimas aos olhos ao vermos que tanto sacrifício, tanto labor, tanto sofrer, enfim... Nada foi em vão! Como? Causas? Não nos aventuramos sequer a descer até às últimas causas para sabermos como a coisa foi facta. Sabemos, sim, que o novo Lar e as novas Oficinas se levantam hoje em dois grandiosos edifícios, mostrando ao vivo que passa que a «Obra da Rua» não é uma «abstracção» nascida da cabeça de alguns, mas sim que ela é um todo, vivo, real e concreto, com cabeça, tronco e membros. Até quando os nominativos de «coitadinhos», de «pobrezinhos»?! Até quando os Gaiatos serão considerados como pessoas

inferiores aos que com eles convivem?!

Vinde, visitai o novo Lar, as nossas novas Oficinas, a nossa extraordinariamente bela Casa de Campo; e com os vossos olhos, ouvidos e sentidos, vêde, ouvi e apalpai que nada disto é imaginação, mas uma vida espumante em amor, cultura, civilização, que transforma o outrora «vadiozito» em homem válido à sociedade.

Rogério

MIRANDA DO CORVO

FÉRIAS — Começaram as férias em nossa Casa. Como é costume de todos os anos, a nossa família divide-se em grupos por idades e vamos descansar quinze dias na praia de Mira. Como não temos lá casa, levamos barracas e as coisas precisas e armamos lá um acampamento. Este ano, calhou a vez aos grandes de irem no primeiro grupo. Com certeza que todos nós passaremos umas férias bem merecidas. O tempo tem estado óptimo e o mar calmo. Todos os anos trazemos de lá amizade e saudades de amigos que lá conhecemos; não só portugueses, mas também estrangeiros. De certeza que muitos dos nossos leitores estão em férias. Fazemos votos para que as passeis felizes e agradáveis.

ARVORES DE FRUTO — Estamos a comer as nossas ameixas e maçãs. As macieiras e pereiras, este ano, não têm tantos frutos como no ano passado, principalmente as macieiras. Então de nêspers nem nos passou o cheiro pelo nariz! No ano passado ainda comemos muitas e levámos para a praia. Paciência. No próximo ano talvez carreguem. Isso depende do que Deus quiser. O Martins estava constantemente a tratá-las contra o mildio; as videiras, também.

ROUPARIA — Agradecemos a todas as senhoras e estudantes que têm vindo remendar a nossa roupa; e muitas vezes com sacrifício. Geralmente são sempre as nossas vizinhas. Podemos tratá-las assim porque são de Miranda do Corvo e, às vezes, de Coimbra. Se não viessem remendar as nossas calças e camisas teríamos de andar com as calças rotas. O pior são os «Batatinhas» que andam sempre a sujar e a rasgar a roupa! Os grandes não é tanto assim, porque têm mais cuidado; e se não, terão de pegar na agulha e linha e remendar. Que remédio! Fazemos votos que venham cada vez mais senhoras e nós prometemos ter todo o cuidado possível. Agradecemos muito.

CONT. NA QUARTA PÁGINA



COBRANÇA de ASSINATURAS

O título não condiz com a realidade. Nem com o espírito do «Famoso». Todavia, o nosso silêncio prolongado causa perturbação em muitos leitores. Foi sempre assim, desde os primeiros tempos do Jornal.

Há dias, procurou-nos um grande amigo. De ar sufocado. Alma inquieta. Estranhámos.

— Que tem?!...
— Olha, é uma vergonha. Uma vergonha!...

— ...
— Vocês nem sempre avisam, a gente esquece; não sei às quantas ando com o vosso Jornal. Uma vergonha! — Tem razão...

— Toma lá... E «desarrisca» o meu «calote», para dormir sossegado...

Pesadelo que virou em alegria! Demos um forte abraço. E o nosso amigo regressou ao Porto, radiante.

São muitos assim, à roda do ano. Aqui ou por esse mundo fora. Pessoalmente ou por carta. Querem saber. Querem cumprir. E cumprem. Mais: exigem lembrança oportuna — o postal-aviso.

Vamos abrir um parêntesis. Dos 30.000 assinantes do «Famoso» — pela nossa estatística, empírica — há 12.500 em dia e 17.500 não! A maior parte deles cumpriria, sim; tivéssemos — como as editoras de alto nível — um «staff» permanente e qualificado, isto é, colaborador ou colaboradores que mais não fizessem, durante o ano, do que endereçar quase 20.000 postais-avi-

so ou títulos de cobrança. Mas não protelamos, apesar das nossas carências, esta velhíssima insuficiência. Agora por exemplo, com estudantes em férias — e alguns seminaristas que se ofereceram a conviver connosco parte das suas — eles aí estão ende-reçando postaisinhos aos «caloteiros», salvo seja. Todos os dias segue um maço deles prós CTT. E o nosso correio, evidentemente, aumenta de volume, com hinos e desabafos: — «Façam sempre assim...»; «se não fosse o postal...». E também lá vêm, de vez em quando, valentes «catanadas» de reduzida meia dúzia (já tradicional), ofendida por receber o singelo aviso rotineiro e estereotipado, do qual só evoluiu o texto e mais nada... desde o ano da graça de 1944.

Alto. Um rio de mel absorve gotas de vinagre! É Ave-lino a berrar lá do fundo:
— Queres saber?!...

— Que houve?

— Está práqui um assinante a perguntar o mês e ano da sua inscrição! Vê lá tu...

Pessoa metódica. Passa a não esperar pela sineta, pelo despertador — pelo postal-aviso!

O certo, porém, é que dos 30.000 assinantes do nosso Jornal — repetimos — há 12.500 que sim e 17.500 que não; que não cumprem!! A mesma ordem de grandeza serve para os assinantes da Editorial! É pena. Vamos acordar?

Júlio Mendes

Nota da Quinzena

Trazia um filhito pela mão. Na outra, amachucava qualquer coisa. Diz-me o seu recado: — Meu marido trabalha na Rodésia. Lá, querem famílias e não deixam mandar dinheiro. Mas meu marido não quer ficar lá para sempre... Como arranhou este dinheiro (Eram 6 notas de mil angolares, o que ela, nervosamente, amachucava), mandou-mo, julgando que mo aceitavam — mas ninguém! Devo a mercearia, a casa, o pão... Tenho o dinheiro que meu marido ganhou. E não tenho com que pagar a ninguém!

As lágrimas corriam-lhe... e a mim doía-me a distorção que o homem provoca no circuito linear das coisas naturais!

Há muito que nós não trocamos escudos de Angola e Moçambique e os remetemos às nossas Casas de lá, quando surge portador. Sei que há muito os Bancos Comerciais se escusavam de os trocar; mas enquanto propusemos a troca, nunca o nosso Banco se negou. Mas cuidava — de verdade, cuidava — que, ao menos, os Bancos Emissores não engeitariam as notas que imprimem.

Mulher — disse-lhe — eu mando-lhe o dinheiro ao Banco de Angola e com certeza lho trocam, embora muito desvalorizado...

Cuidava, sim, mas enganei-me. O Banco não trocou, nem deu cotação para qualquer troca.

Fizemo-la nós, «banco» de causas falidas. Fizemo-la excepcionalmente, condoídos da contradição que afligia a pobre mulher. Mas explicámos-lhe que avisasse já o marido. Que ele não mandasse mais moeda dita portuguesa, senão a impressa pelo Banco de Portugal! E fizemos-lhe ver que com esta troca quem ganhava eram as nossas Casa de África. Mas que esta operação custava preço inteiro à Casa de Paço de Sousa.

Ela foi-se, tranquila pró momento. Não voltou mais.

Mas, decerto, como a mulher que perdera a dracma e depois de varrida a casa a reencontrou, esta também chamou as vizinhas e se congratulou com elas.

Porque ela não voltou. Mas um vizinho, sim, com semelhante causa.

Temos que nos fechar. Que dizer que não. Quem somos nós para fazer o que os Potentados não fazem?!

Mas doi-nos — doi-nos muito — a perturbação que os homens introduzem, no circuito simples das coisas naturais.

Os círculos da Imprensa difundiam há dias as novas deliberações, tomadas pelo Ministro da Educação Nacional, no tocante às inovações que ora foram introduzidas nas estruturas que têm regido o ensino aqui e agora. Com bons ou maus olhos pouco importa. Urgia, isso sim, que houvesse mudança nos valores e desajustados processos. Andar para a frente era o caminho. Recusar continuidades doentias era palavra de comando. O nosso bom povo está cheio de ser analfabeto. É urgente guindá-lo ao posto a que tem direito na esfera de que fazemos parte. É instante a destruição desse foco de atrofia das mentalidades, que é a incultura.

O ministro corrigiu. Procurou inovar. E inovar é avançar. A «Batalha da Educação» começa a ser um facto. Que o ministro não deixe de ser um estudioso atento dessa fremente realidade que é o problema do ensino em Portugal (Metropolitano e Ultramarino) — eis o que nós lhe pedimos.

Posta esta nota, vamos então prestar contas do que foi o nosso ano escolar que agora findou. Os resultados obtidos não exasperam os ânimos, mas também não dão para cantar vitória. Daí a nota de razoável. A média começou logo por fraquejar nas classes primárias (1.º e 2.º classes). A maior parte dos nossos pequeninos ficaram onde tinham começado em Outubro. Marcaram passo. Uma reprovação quase completa na segunda classe!

Desolador este panorama! A 3.º e 4.º classes foram cer-

Ano escolar

tinhas. Na 4.º classe registe-se até o excelente exame oral realizado pelos menos capazes da turma, que bateram, brilhantemente, o pé aos chamados melhores. Bravo malta!

Na Telescola houve três «chumbos» no 1.º ano. E os outros eram capazes de mais. Sobretudo o Maurício, «Gato Félix» e companhia. Parabéns ao Tónio «Zucaca» — o persistente, o de melhores resultados. No 2.º ano tivemos aprovação completa com médias compreendidas entre o onze e o quinze. Um trabalho sério e honesto por parte dos mestres e alunos — eis a fórmula. Destes, o «Pilot», o «Manteigas» e o Abrunheiro irão para o Lar em Outubro.

Já que estamos no Lar vamos a ver o que por cá se passou.

Temos que o Zé Carlos e o Abílio transitaram ao 2.º ano (antigo 4.º) sem que para tal tivessem dado grandes passos. Trabalharam. O Américo passou ao 3.º (antigo 5.º) com um trabalho coerente e persistente

que desenvolveu. O Adriano será um dos abrangidos pelo novo regime do 3.º ciclo, pois obteve uma dispensa a Letras e aprovação na oral a Ciências no exame de 5.º ano. Neste, o Tónio, a trabalhar de dia e a estudar à noite, fez a secção de Letras. No 7.º ano o Alcino Américo e o Alvaro não obtiveram aprovação completa. Terão de repetir exames na 2.º época. Os talentos não renderam tanto quanto deviam. Aguardemos Outubro.

O Xavier venceu sem problemas e ingressará no próximo ano na secção preparatória para as Belas-Artes. Resta-nos o Julião que passará a frequentar o 4.º ano no Seminário de S. José em Bragança.

Não pode dizer-se que tenha sido precário o aproveitamento. Contudo, com um trabalho mais convincente da nossa parte (estudantes) e uma ponta de brio profissional (dos mestres...), os resultados teriam sido bem melhores.

Alvaro

Pai Américo

Faz hoje — Festa de Santa Marta — 43 anos que celebrou sua primeira Missa.

Em vida, ele contava a sua idade a partir daqui. Agora já nem conta esta preparação da Vida — agora que ele pertence à Eternidade. Mas para nós, sim; para nós é uma data a registar e a celebrar. E ele mais todos nós (a quem gerou), de modos diversos nas mãos do Pai Celeste — ele gloriosamente fixado em Deus; nós, militando a caminho do mesmo Fim — fomos o assunto do Altar.

E eu aproveito, esta mais intensa comunicação familiar, para dar à estampa, a mensagem que, a propósito do 16 de Julho, um filho ausente nos dirigiu:

«O que não lhe digo hoje, ficou numa oração e no ofer-

tório da Missa. O que eu não lhe digo hoje, está patente no «Postai para o Céu». — E é tão pouco!...

Aceitem-me como sou, carregado de defeitos e limitações, de ironias e cansaços, mas também de luta, de procura — ainda que vezes sem conta me revolte contra mim-mesmo...

Será alegre a hora da refeição; rirão os «Batatas» e os mais velhos fumarão um cigarrito. Que em cada Rapaz vibre uma lucidez precisa, e saibam que não há festa senão na perfeita alegria de uma Data e do que dela nos ficou por Herança!

Perdoe não continuar esta mensagem. Aflora uma lágrima em meus olhos que me rolasse pelas faces. Sou filho. E em horas altas de Família é que mais sinto a distância-espaco a separar-me de todos, que nem o espírito se muda, somente o que convém se altera ainda.

Um xi saudoso para toda a Comunidade e nele a certeza de que estou presente.»

Partiu o Joaquim

Veio-nos pela mão de D. Eurico, seu padrinho. Marcado pela família desfeita e outros factores que o destruíam, trazia alma de lutador.

Foi para um emprego em Coimbra e matriculou-se na Escola da noite. Triunfou em ambos os lugares. Cativava quem com ele lidava. Sendo o mais novo, era o conselheiro da família desmantelada. Sempre chefe e sempre pronto.

Veio a tropa. Os «negócios» familiares quiseram desviá-lo. Quando deu por isso pediu perdão e regressou.

Casou com aquela que foi sempre a sua namorada. Com um curso, com bom emprego, com simpatia, com trabalhos por fora, viviam muito desafogadamente. Traziam no co-

ração a compra de um andar. A nossa última conversa foi o baptizado do filhinho de três meses. Marcámos o dia do 2.º aniversário do seu casamento.

Veio-lhe uma dor. Foi inter-nado, mas já não lhe puderam acudir. Procurei ajudá-lo a morrer. Partiu para Deus a caminho do nosso Lar que ele ajudou a construir e donde se realizou o funeral. O funeral e a assistência à Missa do 7.º dia foram prova de como era querido. Nunca vi tantas lágrimas nos olhos dos homens.

Que Deus tenha em Paz o nosso Joaquim Dias de Sousa. Que a Maria Otília saiba aceitar a Vontade de Deus que, tantas vezes, contraria a nossa.

Padre Horácio



Cont. da TERCEIRA página

LAVOURA — Andamos na arranca da batata que é um dos mais preciosos frutos. Como somos uma família grande, fazemos a colheita depressa. Os grandes a arrancar e os miúdos a apanhar nas terras aonde as batatas se dão bem. Temo-las arrancado bem grandes; hoje uma pesava um quilo e dez gramas. Boa colheita! Mas há muitas mais com metade do peso. Mas nem todas são assim; também temos miúdas e há as cortadas por falta de cuidado dos arrancadores. Todo o trabalho do campo é feito pela nossa mão. Passamos um mau bocado quando é para semear ou colher as batatas, o milho e a azeitona. Depois também nos consolamos com as saborosas batatas, bem temperadas e uma fatia da nossa borra a cada refeição. E ela é tão apetitosa! Lá diz o ditado: «Semeia e cria e viverás com alegria». Já andamos a saborear sopa de feijão verde que também compõe as travessas do nosso conduto. Também já

se andam a gastar cebolas novas. E tomates que irão substituir a sala-da de alface.

Carlos Gomes

Lar do Porto

CONFERENCIA

Tantas respostas! Que alegria! Não podíamos ficar indiferentes perante a generosidade com que fomos presenteados nestes últimos dias. Uma, duas ou mesmo três cartas, o carteiro fazia chegar até junto de nós, com donativos para os nossos irmãos Pobres.

Abre Lisboa com 50\$, 100\$ e 200\$. Santo Tirso, 40\$; Santarém 50\$ e 20\$. Assinante 14305, 20\$. Da Quinta de Villar d'Allen — Porto 100\$. Assinante 19109, 20\$. Mais uma de Santarém com 100\$ e uma outra de Paredes de Coura. Duas anónimas com 100\$ cada. Figueira de Castelo Rodrigo, 20\$. Mais um vale de correio no valor de 200\$, assim como um outro de 50\$.

Não se esqueçam que a morada é sempre a mesma: Rua D. João IV, 682 — Porto.

Para todos um muito obrigado nosso e dos nossos Pobres.

Adriano Fernandes

AZURARA

Depois de um longo período de trabalho cheio de preocupações e cansaças, vieram as merecidas férias.

O mês de Julho iniciou com um aspecto muito agradável, não havia nada que perturbasse a natureza.

Seguiu o primeiro turno rumo a Azurara, com os respectivos responsáveis: Anibal e «Tomate».

Os dias decorreram conforme as possibilidades que havia, bem ou mal não sei, isso pesa na consciência de cada um e mais nos respectivos chefes, pois não íamos para nenhuma «Torralt», nem para outros lugares estranhos, mas sim para um lugar que nos era destinado, onde pudéssemos recuperar as energias gastas durante o ano de trabalho.

Para que umas praias possam ser belas é preciso que haja camaradagem entre uns e outros; é preciso que todos se dêem ao trabalho para que numa colaboração total, se possa conseguir aquilo que todos desejam. Assim aconteceu. Todos realizaram o trabalho que lhes era confiado. Uns com mais paciência, outros com menos. Mas o trabalho tinha que ser feito. E assim se puderam passar umas férias agradáveis.

Não quero terminar esta minha crónica, sem desejar umas boas férias aos turnos que se seguem e no oaso da alimentação serem mais felizes do que o turno anterior.

António Luís Sousa da Silva

